



Desafios e dificuldades no cotidiano da crítica jornalística: a experiência de *ombudsman* no *Jornal da Manhã* (PR)¹

Sérgio Luiz GADINI²

Resumo:

Dia 2 de Setembro de 2007, o *Jornal da Manhã* (JM), de Ponta Grossa, Paraná, apresentava ao leitor uma versão atualizada do projeto gráfico e editorial do periódico mais antigo em circulação contínua na cidade. Na remodelação, o JM lança um espaço inédito para crítica de mídia na história do jornalismo diário paranaense: a coluna *Ombudsman*. Era a primeira vez que um diário local/regional criava espaço para análise da produção jornalística no Estado. O presente texto descreve a experiência da criação e manutenção da coluna de *ombudsman* no JM, até a extinção do espaço de crítica institucional pelo próprio diário. O relato e a descrição do exercício da crítica dialogam com os desafios da implantação da proposta e as dificuldades no fazer cotidiano da análise jornalística. De 02/09/2007 até 30/03/2011, tempo em que a coluna circulou semanalmente no jornal, na edição de domingo, o espaço contou com a participação de quatro jornalistas que fizeram a crítica diária, em um mandato de 12 meses, cada. De forma analítica, o artigo recupera a experiência, no período em que o JM manteve o espaço de crítica (com blog para atualização diária e uma página standard na edição dominical), destacando as características, limites e desafios da análise jornalística, com ênfase no período do primeiro mandato de *ombudsman* no jornal, que compreende os 12 meses iniciais da experiência de crítica (02/09/2007 a 31/08/2008).

Palavras-chave: Crítica de mídia. Produção jornalística. *Ombudsman*. *Jornal da Manhã*.

Challenges and difficulties in daily journalistic criticism: the ombudsman experience in *Jornal da Manhã* (PR)

98

Abstract:

On September 2, 2007, the *Jornal da Manhã* (JM), from Ponta Grossa, Paraná, presented to the reader an updated version of the graphic and editorial project of the oldest continuous newspaper in the city. In the remodeling, JM launches an unprecedented space for media criticism in the history of Paraná daily journalism: the *Ombudsman* column. It was the first time that a local/regional diary created space for analysis of journalistic production in the state. This paper describes the experience of creating and maintaining the ombudsman column in JM, until the extinction of the institutional critique space by the diary itself. The report and the description of the exercise of criticism dialogue with the challenges of the implementation of the proposal and the difficulties in daily journalistic analysis. From 02/09/2007 until 30/03/2011, when the column circulated weekly in the newspaper, in the Sunday edition, the space had the participation of four journalists who made the daily criticism, for a term of 12 months each. Analytically, the article recovers the experience, during which JM maintained the critical space (with blog for daily update and a standard page in the Sunday edition), highlighting the characteristics, limits and challenges of journalistic analysis, with emphasis on period of the newspaper's ombudsman *first term*, which comprises the initial 12 months of the critical experience (02/09/2007 to 31/08/2008).

Keywords: Media criticism. Journalistic production. *Ombudsman*. *Jornal da Manhã*.

¹ Uma versão preliminar do texto foi apresentada no 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), realizado entre 7 e 9 de novembro de 2018, em São Paulo (SP). A comunicação integrou uma mesa coordenada da Rede Nacional de Observatórios da Imprensa (RENOI).

² Jornalista, doutor em Comunicação, professor de Jornalismo (graduação e mestrado) na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Paraná. E-mail: slgadini@uepg.br





Retos y dificultades en la vida cotidiana de la crítica periodística: la experiencia de un defensor del pueblo en el *Jornal da Manhã* (PR)

Resumen:

El 2 de septiembre de 2007, *Jornal da Manhã* (JM), de Ponta Grossa, Paraná, presentó al lector una versión actualizada del proyecto gráfico y editorial del periódico más antiguo en circulación continua en la ciudad. En la remodelación, JM lanza un espacio sin precedentes para las críticas de los medios en la historia del periodismo diario en Paraná: la columna del Defensor del Pueblo. Era la primera vez que un diario local / regional creaba un espacio para el análisis de la producción periodística en el Estado. Este texto describe la experiencia de crear y mantener la columna del defensor del pueblo en JM, hasta la extinción del espacio para la crítica institucional por parte del propio diario. El informe y la descripción del ejercicio de diálogo de crítica con los desafíos de implementar la propuesta y las dificultades en la realización diaria del análisis periodístico. Del 02/09/2007 al 30/03/2011, cuando la columna circulaba semanalmente en el periódico, en la edición del domingo, el espacio contó con la participación de cuatro periodistas que hicieron las críticas diarias, durante un período de 12 meses, cada. Analíticamente, el artículo recupera la experiencia, en el período en que JM mantuvo su espacio para la crítica (con un blog para actualizaciones diarias y una página estándar para la edición dominical), destacando las características, límites y desafíos del análisis periodístico, con énfasis en período del primer mandato del defensor del pueblo en el periódico, que comprende los primeros 12 meses de la experiencia crítica (02/09/2007 al 31/08/2008).

Palabras clave: Crítica de los medios. Producción periodística. Defensor del pueblo. *Jornal da Manhã*.

Em vez de oferecer sua opinião, um grande crítico permite que os outros formem suas próprias opiniões com base na análise crítica do que ele produz. Além disso, essa definição da figura do crítico não deve ser um assunto particular, mas, na medida do possível, um assunto objetivo e estratégico. O que devemos saber sobre um crítico são os valores que ele defende. Ele deve nos dar essa informação.

(BENJAMIN, 1999 *apud* EAGLETON; BEAUMONT, 2010, p.12)

Breve história em variadas funções (sociais) da crítica

O que se entende hoje por crítica cultural já passou por diversos estágios e processos de adaptação da história social. Em termos genéricos, aceita-se que o surgimento da crítica cultural está associado ao exercício da expressão humana, como sujeito, capaz de reivindicar a própria escolha e construção dos destinos da vida terrena.

Uma primeira pista para discutir o assunto remete à possível origem da crítica. Ao explicar uma das origens históricas, Foucault (1978/1990, p. 4) considera que uma primeira definição da crítica poderia ser entendida pela caracterização da “arte de não ser governado de uma determinada maneira”. Mas, toda crítica também “existe apenas em relação a outra coisa que não ela mesma”, diz o filósofo francês (FOUCAULT, 1978/1990, p. 4). O passeio histórico, obviamente, refere-se a um tempo de passagem, a





modernidade, em que as pessoas passam a questionar um modo hegemônico de governar, a partir de “orientações” divinas, sustentadas por uma instituição religiosa.

Em outros termos, a reinvenção moderna do sujeito institui, simultaneamente, uma postura e uma análise “crítica”, que passa aos variados espaços e práticas sociais, seja a política, religião, cultura e mesmo as relações econômicas. O exercício do pensar e da expressão assumem, assim, uma postura crítica em relação ao poder de autoridade e aos modos vigentes de organizar a sociedade e, pois, também de crenças coletivas. Esta reflexão poderia resultar em um passeio por pensadores da modernidade, passando por Descartes e Kant (século XVIII), que conceituam razão crítica e prática. Mas o “passeio” precisa ficar para outro momento!

Uma segunda pista de leitura para entender a função da crítica – e, aqui, se trata de escolha conceitual e metodológica para explicar o tema – diz respeito ao surgimento de um periódico lançado na capital inglesa do século XVIII: *The Spectator*, em 1º de março de 1711, conhecido como o segundo diário de Londres, que dura 21 meses, mas faz história pelo perfil e postura assumidamente crítica dos textos publicados. Joseph Addison e Richard Steele são os editores do periódico, que assume “as funções de mobilizador diário de opinião e de propagador de idéias”, explica Pallares-Burke (1995, p. 17).

É graças ao papel desempenhado pelo *The Spectator* que a história da vida social britânica considera o jornalismo como um meio fundamental de se entender a época, comportamento e a própria organização da sociedade em que circulam tais meios. A imprensa do século XVIII registra “a presença marcante do jornalismo cultural”, que possibilita compreender o “século das luzes”, avalia Pallares-Burke (1995, p. 13). E isso em um momento em que “o livro e o periódico não eram considerados objetos culturais completamente diferentes” (PALLARES-BURKE, 1995, p. 14), dadas as limitações editoriais e mesmo o alcance de circulação e influência.

E o que fazia *The Spectator* para chamar os “olhares”, interesses e ficar com tanta referência na história da mídia cultural do mundo ocidental? “De estilo leve, bem-humorado, direto e pessoal, tudo cabe no seu variado discurso cultural: as ciências, as letras, os costumes, as ‘bagatelas’ domésticas e amorosas”, explica Pallares-Burke (1995, p. 17).

E o que isso tem a ver com a crítica cultural? É a autora que explica: “a criação desse novo tipo de jornalismo cultural, produção híbrida e alheia a especializações,



marca o momento em que o público se descobre como ativo participante da cultura”, diz Pallares-Burke (1995, p. 17). O simples indicador para a época não é coisa pouca: em cerca de 15 dias logo após o lançamento, *The Spectator* circula com três mil exemplares, um registro inédito e, no mínimo, impactante para o cenário urbano da Londres do início do século XVIII.

Na avaliação da historiadora, *The Spectator* é considerado “um jornal preponderantemente moral e literário” com expressão textual híbrida, registrando

um misto de crítica de costumes e de crítica e divulgação cultural, envolve ativamente o público leitor no seu trabalho, contemplando em suas páginas, além de idéias filosóficas, científicas, literárias e morais de pensadores mais seletos, idéias de um grupo muito maior de pessoas comuns (PALLARES-BURKE, 1995, p. 21).

Lógico que *The Spectator* não possui espaço próprio para autocrítica editorial, mas seguramente lança reconhecidas bases para o que, hoje, se entende como crítica de produção cultural, seja em literatura, música, teatro, cinema e, claro, também de produtos e serviços de mídia, incluindo jornalísticos.

E, para fechar a indicação de três pistas iniciais ao entendimento da função da crítica, vale trazer ao debate quem conhece e pesquisa o assunto com reconhecimento para além da brasilidade: Terry Eagleton, que registra mais de quatro décadas como historiador e crítico literário. Matthew Beaumont apresenta, em coautoria com o próprio Eagleton, uma coletânea de ensaios e entrevistas sobre “a tarefa do crítico” (2010).

Toda crítica é em algum sentido política, tanto porque ela é moldada pelas condições ideológicas nas quais suas várias correntes emergem, quanto porque, não importa o quão escrupulosamente se postura apolítica, ela desempenha um papel estratégico na disseminação e na interpretação da cultura que possui implicações políticas inevitáveis (EAGLETON; BEAUMONT, 2010, p. 15).

Como se pode conferir, as bases da crítica cultural contemporânea consideram as sucessivas transformações e surgimento nos produtos de cada época. Se a origem da crítica pode ser associada ao teatro grego, onde o exercício da filosofia na praça dava um tom constante de análise e questionamento aos comportamentos humanos, é o surgimento da escrita que também projeta uma análise da produção literária, da música como arte, e daí em diante, imprensa pós-Gutenberg, passando pelo cinema (1895), rádio (1922), televisão (1945, e cinco anos depois, no Brasil), internet comercial (pós-1994, por aqui), dentre outras expressões do que se caracteriza como análise crítica.



Em busca de (auto)crítica jornalística

Pressionado pelo espaço-tempo, que precisa divulgar informações atuais, o jornalismo vive um dilema cotidiano com o registro de erros, problemas de apuração, revisão apressada, além de ser frequentemente contestado por fontes noticiosas, que nem sempre concordam com a versão publicada na edição em TV, rádio, impresso e internet. A constatação é simples, pois uma apuração jornalística dificilmente acaba com a publicação da matéria. “Em algum momento o jornalista para e escreve, mas, se tivesse mais tempo, o resultado com certeza melhoraria com uma re Checagem dos dados”, diz Brandimarte (2007, p. 6) ao apresentar o livro de Matías Molina (*Os melhores jornais do mundo*).

Tais limitações ou variáveis que atravessam a produção editorial colocam um desafio constante ao jornalismo que vai além da crítica externa: uma autocrítica pode(ria) assegurar transparência, respeito e credibilidade ao produto, serviço ou programa jornalístico. É a partir desta análise que, em meados do século XX, jornais norte-americanos e europeus passam a adaptar a figura de ouvidor – até então frequente em empresas de gestão pública, que recebiam reclamações de usuários e contribuintes – ao “crítico”, representante do leitor no próprio quadro editorial ou mesmo *ombudsman*. O nome não é único, pois registra variações (de ouvidor, defensor do leitor, provedor ou *ombudsman*), mas assume o papel de analista cotidiano do respectivo produto ou serviço periodístico, mantido pela própria empresa mantenedora do veículo.

A necessidade de uma autocrítica sobre o resultado do processo de apuração e publicação jornalística fica longe de qualquer centralidade com preocupação marqueteira ou estratégia de visibilidade, pois implica reconhecer que o fazer jornalístico é, de fato, complexo, permeado por dúvidas, questionamentos públicos e frequentemente contestado. Tal constatação, entretanto, não assegura que profissionalmente os jornalistas assumam a humildade como marca dos hábitos editoriais. Criar e manter um espaço de autocrítica passa a ser, assim, uma espécie de “marca” de qualidade e também respeito ao leitor, ouvinte, telespectador ou internauta.

Na avaliação de Molina (2007, p. 12), com base em indicadores que consideram o prestígio dos veículos no mundo, uma “característica de um jornal de qualidade é a sua preocupação com a comunidade a qual se dirige. Um bom diário tem de servir de consciência, de guardião e de guia dessa comunidade”, afirma. Outra marca diz respeito à autocrítica, embora nem todos os periódicos tenham por hábito e prática de análise





que aponte os erros e limites editoriais como padrão de qualidade. “O melhor teste de um jornal é como escreve sobre ele mesmo”, diz Molina (2007, p. 15), ao lembrar diálogos em torno da avaliação de diários europeus.

Depois de algumas décadas em atividades em jornais de diversos países do mundo, um primeiro diário brasileiro lança a figura de *ombudsman*, responsável por fazer a crítica cotidiana do jornal. Nos EUA, de acordo com Schudson (2017, p. 13), é a partir dos anos 1960 que a crítica de mídia se consolida. “A crítica de mídia foi um elemento importante na revolução cultural da década de 1960”, diz.

No Brasil a experiência dos *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*, lançados pelo *Jornal do Brasil* em maio de 1965, ainda na esteira das reformas editoriais de 1956, representam um marco no que Abreu (2017, p. 20) chama de “aprimoramento técnico dos jornalistas”. A proposta dos *Cadernos*, vale lembrar, passa por Alberto Dines, que planejou a iniciativa após um giro de três meses na Columbia University (Nova York) em 1964. “Este não é o jornal do jornal. Apenas um tímido ensaio de um jornal para jornalistas”, escreve Dines na apresentação dos *Cadernos do JB* (ABREU, 2017, p. 22).

É, entretanto, com a criação de espaço específico para análise regular e sistemática da produção que a crítica de mídia ganha formato no jornalismo brasileiro. A experiência inicial é da *Folha de S. Paulo*, em março de 1989. Poucos anos depois, outros diários tomam a iniciativa, como *O Povo* (de Fortaleza, em 1994), o *Diário do Povo* (em Campinas-SP, em 1994), *Correio da Paraíba* (João Pessoa, em 1995), *A Notícia* (SC, em 1995), *Jornal da Manhã* (no interior do Paraná, em 2007), dentre outros produtos segmentados, como jornais laboratoriais de cursos de Jornalismo, a TV Cultura (SP) e alguns portais informativos na internet.

Um(a) ombudsman no Jornal da Manhã

O surgimento do *ombudsman* no *Jornal da Manhã*, por sua vez, também se pauta no conceito de jornalismo público, que orientou a reformulação editorial do *JM*, o que incluía espaço para autocrítica, no formato de coluna na versão impressa e *blog* no portal diário. Foram estas orientações conceituais que, segundo apurado no estudo, nortearam a formulação e as principais referências para a análise da crítica da coluna Ombudsman do *Jornal da Manhã*, em Ponta Grossa, Paraná, quando do seu lançamento, em 2 de setembro de 2007.





Editado em Ponta Grossa, na região dos Campos Gerais do Paraná, o *Jornal da Manhã* foi criado em 1954 e, desde então, tem circulação ininterrupta. O *JM* manteve, até 01/09/2007, formato *standard* com impressão preto/branco e, ao longo de muitos anos, era considerado a principal referência no mercado de anúncios em classificados imobiliários, principalmente na edição de domingo.

Por ocasião do relançamento do projeto editorial do *JM* pelo grupo Tribuna do Norte (responsável pela *Tribuna do Norte*, em Apucarana, norte do Paraná), a cidade de Ponta Grossa mantinha outros dois diários em circulação, o *Diário da Manhã* e o *Diário dos Campos*. Dos três jornais, apenas o *Diário dos Campos* mantinha, até então, espaço para cartas e manifestações de leitores, criado em 15/09/1999, quando o jornal também passa por reforma gráfica e editorial.

A análise e crítica do jornal, publicada todo domingo na coluna de Ombudsman do *JM*, circula, a partir de 02/09/2007, sob responsabilidade dos jornalistas Sérgio Gadini (02/09/2007 a 31/08/2008), Elaine Javorski (01/09/2008 a 31/08/2009), Alessandra Bucholdz (01/09/2009 a 31/08/2010) e Vanessa Zappia (01/09/2010), que analisa o jornal até a extinção da coluna pela própria direção do *JM*, em março de 2011. A análise da produção diária veiculada na edição impressa de domingo também contava com uma versão completa na edição digital (disponível na web) e o *ombudsman* mantinha um *blog* digital junto, no portal, que, por falta de tempo, praticamente se limitava ao texto da semana, ou postava outros comentários que não entravam na edição dominical, por falta de espaço. A atualização, portanto, era de responsabilidade do próprio *ombudsman*.

O diretor do *Jornal*, Eloir Rodrigues, explicou o projeto do *JM*, em entrevista exclusiva ao Trabalho de Conclusão de Curso de Borcezi (2008, p. 105): “Decidimos trabalhar a linha editorial pelo jornalismo público, consistindo nos interesses que estão voltados para os cidadãos e um compromisso maior com a cidade e região.

O diretor do *JM* também apresentou os critérios que, em sua avaliação, orientavam a escolha profissional para atuar como *ombudsman*. “Primeiramente a pessoa tem que ter formação e autoridade acadêmica para avaliar, julgar e observar a produção. O segundo critério diz respeito à experiência, o convívio com a prática, porque a teoria e a prática do jornalismo são distintas”, avalia. E completa: “é importante que o *ombudsman* seja alguém que conheça as dificuldades, os constrangimentos da produção diária”. E, enfim, o “terceiro ponto é o bom senso, que





estabelece o equilíbrio na hora de julgar entre a teoria e a prática, pois o jornal produz conhecimento, mas também é uma empresa que nem sempre vai conseguir atingir 100% de fazer um jornalismo totalmente isento e plural”, completa o diretor do *Jornal da Manhã* (apud BORCEZI, 2008, p. 105).

Experiência pioneira no jornalismo diário paranaense

Ao apresentar a proposta editorial do *JM* em agosto de 2007, norteado na perspectiva de um jornalismo público, assumidamente voltado aos interesses da comunidade, a função do *ombudsman* é vista como um diferencial no projeto, com espaço para análise da produção jornalística cotidiana, por meio da edição semanal de uma coluna.

O ineditismo da proposta para o jornalismo comercial no estado gera expectativas, mas também desafios ao grupo de jornalistas, diretores e ao profissional responsável pela crítica. A rápida interação – por *e-mail*, telefone, carta ou mesmo conversa presencial – com leitores, profissionais da área e representantes de diversos setores da comunidade local legitima a proposta de análise crítica do jornal e amplia o espaço da coluna. A partir da terceira semana, o *ombudsman* passa a ocupar praticamente uma página inteira na edição dominical. O primeiro jornalista responsável pela coluna, entretanto, não ficaria em tempo integral na redação do *JM*, uma vez que tinha outros compromissos profissionais (professor, dirigente sindical, dentre outros envolvimento).

Até aquele momento, setembro/2007, apenas jornais e produtos laboratoriais de cursos de Jornalismo e alguns poucos produtos segmentados mantinham espaço de análise regular e sistemática de produção em todo o estado do Paraná.

A primeira edição da coluna apresenta os elementos da análise e os critérios editoriais da crítica semanal. O texto inaugural da coluna (em 02 de setembro de 2007), para além de apresentação autoral, indicava as bases para análise semanal da produção jornalística do *JM*. E quais seriam as principais referências? As características do jornalismo contemporâneo,³ discutidas nas faculdades e explicadas por diversos pensadores da área, que marcam o fazer jornalístico: atualidade, universalidade,

³ A principal referência conceitual que sistematiza as características do jornalismo pode ser encontrada em GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011. A versão inicial de Otto Groth data do início do século XX, na Alemanha.





interesse público, proximidade, pluralidade de fontes, objetividade (no modo de dizer) apresentar a notícia.

O *ombudsman* do *JM* não teria um manual, mas uma base conceitual norteadora de uma perspectiva do jornalismo como um recorte de temas socialmente relevantes com impacto nos interesses da população (público-alvo), de acordo com o conceito de jornalismo público (TEIJEIRO, 2000). A explicação da linha editorial do *JM* está identificada no texto do projeto, discutida em diversos locais, apresentada na fase inicial da reforma do periódico.

Ao pautar reforma gráfico-editorial no conceito de Jornalismo Público (TEIJEIRO, 2000), a direção do *JM* assumia, então, uma postura e escolha na cobertura jornalística. “Mais do que pautar a discussão em temas de interesse do público, esse jornalismo procura propor soluções para os problemas das comunidades”, explica o texto de apresentação do projeto (OMBUDSMAN, 2007). “Há uma preocupação em intervir na realidade. E essa intervenção ocorre de diversas maneiras. Uma delas é através do agendamento temático direcionado às pautas e temas de interesse coletivo”, completa o documento.

Se a preocupação editorial destacava a qualidade do produto, a inclusão de espaço para análise constante da informação veiculada ganha forma na coluna do Ombudsman, que circula já na primeira edição da etapa inaugurada, apresentando o espaço, autor e projeto de avaliação.

Avaliar é preciso, mas tem um preço (e custo)

Diz uma tradição no jornalismo brasileiro que a dificuldade em aceitar crítica – mesmo diante de constatações registradas na mais recente edição – envolve dirigentes da mídia e profissionais, criando uma espécie de “silêncio” que, na prática, faz de conta que a celeridade da informação e a urgência em fechar a próxima edição (quase) naturalizam a resistência em ver e reconhecer os próprios equívocos.

Se a pressão do espaço/tempo, que marca o cotidiano do fazer jornalístico, tensiona para justificar a dificuldade em aceitar a crítica, a manutenção de um espaço próprio para análise da produção não poderia deixar passar em branco uma série de problemas (simples, pequenos ou básicos) que atravessam a pressão do trabalho jornalístico. Ao *ombudsman*, pois, não resta outra opção, a não ser apontar que uma determinada matéria não ouviu sequer um outro lado, ignorou os mais afetados (em





geral, consumidor, usuário de um serviço público ou mesmo quem paga a conta), abordagem ficou no discurso oficial, reproduzindo versão governista, ou ainda o silêncio sobre temas latentes na vida das pessoas, que não entram na edição do dia/semana, enquanto algum concorrente consegue cobrir e levar matéria ao leitor.

A coluna Ombudsman no *JM* passa a contar, a partir da terceira edição (ainda em setembro de 2007), com uma página semanal (em formato *standard*), ampliando interações com leitores, internautas e jornalistas, que logo usam o espaço para funções que extrapolam a crítica pontual da produção jornalística do periódico. Como ilustração, vale citar as frequentes sugestões para que o *ombudsman* cobrasse do prefeito e dos vereadores para resolver o problema das filas em postos de saúde no município. Não era esta, contudo, a função da crítica de mídia, o que era frequentemente apontado na indicação dos limites do *ombudsman*, que deveria focar na análise da produção jornalística e, eventualmente, sugerir pautas para cobertura, na medida em que tais demandas vinham de leitores do diário.

Poucas semanas após o lançamento do espaço *ombudsman*, a participação de leitores, internautas e colaboradores ganha fôlego e expressão, criando uma rede (informal) de diálogo sobre a função do jornalismo na escolha de temas, fontes e modo de abordar os problemas sociais. O editor do periódico, Eloir Rodrigues, em entrevista para Daniela Borcezi, avaliou o projeto editorial e a coluna de crítica do periódico, logo após o lançamento. “No começo, pelo fato de não haver *ombudsman*, muita gente indagava dentro da redação e também de outros veículos. ‘Como vocês permitem fazer um negócio deste, abrir espaço para o cara fala mal de vocês’”, relata o editor-diretor. “Mesmo os jornalistas, que não estavam acostumados com as críticas, e o leitor se espantaram com a proposta, ao ver um jornal abrir espaço para ser criticado. O *ombudsman* vem legitimar o espaço da crítica no próprio jornal”, explica Rodrigues (*apud* BORCEZI, 2008, p. 106).

O interesse, talvez curiosidade, e adesão de leitores de diversos segmentos e setores da sociedade ao projeto de um jornalismo público do *JM* geram receptividade e interesse na cidade e região. A expectativa por um jornalismo, em tese, um pouco sem o controle de velhas amarras e vínculos político-econômicos indicava pistas de um outro tempo no jornalismo regional. O *JM* foi, assim, ao menos por algum tempo, reconhecido também pela proposta de uma cobertura plural e voltada ao debate de problemas sociais que, até então, pareciam encontrar pouco espaço na produção





jornalística local.

Nos primeiros três meses, a coluna prioriza a análise de aspectos pontuais da abordagem jornalística, como a decisão por determinado tema, a origem da pauta, escolha das fontes noticiosas, tempo de apuração e a checagem dos dados recebidos, a importância que o jornal dedica a certos assuntos e não a outros problemas sociais, o uso da fotografia divulgada e a forma como o produto jornal circula na edição seguinte. A partir do quarto mês (dezembro/2007), a coluna passa a analisar também os atores (políticos e empresários) mais presentes nas páginas do *JM*, considerando ainda três aspectos frequentes na produção: problemas estruturais do jornal (primeiro); a expectativa de leitores/moradores de que ombudsman poderia ajudar na cobrança coletiva (segundo); e a tarefa de explicar ao leitor o modo de organização jornalística (terceiro). Por suposto, as tensões – internas e externas ao veículo – aumentam, e a constatação é inevitável: fazer e manter uma avaliação (crítica) jornalística é fundamental, mas tem um preço (e custo). A direção do periódico, por sua vez, precisa ter claro e aceitar a tensão como inerente ao exercício da crítica.

As avaliações do *ombudsman*, algumas vezes, não se restringiam aos leitores e jornalistas, mas reverberaram para outros espaços do diário, envolvendo leitores e profissionais de outros meios, indicando que a crítica, longe de ser consensual, opera habitualmente como um “campo polêmico”, de acordo com a avaliação de Mouillaud e Porto (2012).

É a lógica da “agenda pública”, defendida por McCombs (2009, p. 43), ao formular a *agenda setting* ou teoria da agenda. Trata-se de uma justificativa do jornalismo como produto da realidade social para focar temas presentes no cotidiano dos moradores e leitores do jornal. Na prática, considera-se um dos pilares do conceito de jornalismo público como eixo norteador de coberturas e campanhas de interesse comunitário.

A análise da coluna vai se tornando mais complexa e também encontra resistência e questionamentos por parte de setores que tradicionalmente veem a mídia local como espaço para se legitimar como agentes que controlam a vida social, o dinheiro do contribuinte, seja pela administração pública ou por gestores de grupos privados. Atores estes que, em geral, se beneficiam diretamente da lógica que mantém a desigualdade social. A estes, de um modo geral, pouco interessa um jornalismo plural e focado em pautar temas que tencionam os problemas sociais. O *ombudsman* também





não passaria ileso às contradições seculares que atravessam a vida social.

Questionada por diversas vezes, a primeira temporada (2007/08) da coluna Ombudsman do JM precisou relembrar o compromisso do diário com a autonomia da crítica, como previsto no projeto editorial e também defendido pela direção do jornal, por ocasião do lançamento da proposta. “Ao lançar o projeto seria importante ter a figura do ombudsman para que ele pudesse nos ajudar a manter o padrão de qualidade do jornal”, explicou o diretor Eloir Rodrigues, em entrevista (BORCEZI, 2008, p. 105). “O ombudsman tem a função de analisar e criticar a produção, apontando os erros e os acertos também. E isso serve para a gente e para a equipe de jornalista como um norte para saber onde a gente está errando e acertando”, afirmou Rodrigues. E, conclui: “a figura do ombudsman surge com esta preocupação: oferecer ao leitor um conteúdo de qualidade” (RODRIGUES *apud* BORCEZI, 2008, p. 105).

Ao fechar 12 meses no exercício da função, a coluna do *ombudsman JM* publica (na página 2, da edição de 31/08/2008) uma breve avaliação do trabalho. “Aos leitores que não respondi ou não fiz qualquer referência de mensagens recebidas, resta justificar: tudo o que chegou ao Ombudsman – seja por *e-mail*, fone ou conversa pessoal – com relevância social e interesse público, envolvendo modos de trabalhar jornalisticamente, foi publicado”, informa a nota (GADINI, 2008, p. 2). Continua o texto: “Ao longo de 12 meses, o leitor encontrou, na coluna Ombudsman, uma análise crítica da produção e dos modos de fazer jornalismo do JM”.

O *ombudsman* avalia, ainda, que inicialmente a crítica gerou uma preocupação aos profissionais que trabalham no diário por se tornarem alvo de crítica, mesmo diante de condições de trabalho longe do ideal. “A preocupação foi ‘assimilada’ mas habitualmente outras tensões surgiam, quando de críticas pontuais a uma outra cobertura”, avalia (GADINI, 2008, p. 2). No entanto, a proposta do jornal foi familiarizando o(a) leitor(a), que logo passou a dar retorno, comentar e sugerir temas para a crítica. Em diversas situações, “ao ser questionado sobre o significado da função, para além da cobrança, sempre saudável, era possível constatar um reconhecimento e adesão ao projeto editorial JM”, finaliza a edição da coluna que avaliou os primeiros 12 meses de *ombudsman* no jornal (GADINI, 2008, p. 2).





Apontamentos conclusivos

A citação de Walter Benjamin, na epígrafe que abre o texto, ilustra uma preocupação atual que envolve um dos desafios da crítica cultural e que, aqui, vale para pensar a crítica de mídia no jornalismo cotidiano. “Em vez de oferecer sua opinião, um grande crítico permite que os outros formem suas próprias opiniões com base na análise crítica do que ele produz”, diz Benjamin (*apud* EAGLETON; BEAUMONT, 2010, p.12). E, continua o filósofo alemão, a “definição da figura do crítico não deve ser um assunto particular, mas, na medida do possível, um assunto objetivo e estratégico”. Como resolver isso? Transparência, se considerar as palavras deste início de século. “O que devemos saber sobre um crítico são os valores que ele defende. Ele deve nos dar essa informação”, afirma Benjamin (1999 *apud* EAGLETON; BEAUMONT, 2010, p.12).

A breve história da crítica de mídia no jornalismo paranaense – única experiência registrada em jornal diário do Estado – ainda carece de publicações que discutam a importância e a contribuição da “temporada de autocrítica” em torno do surgimento, manutenção e extinção da coluna (e *blog*) de análise cotidiana do *Jornal da Manhã*, registrada entre setembro de 2007 e março de 2011. A justificativa da direção do *JM* para a (silenciosa) extinção da coluna Ombudsman foi apresentada como “redução de custos” para a jornalista que, na ocasião, era responsável pela análise do jornal, Vanessa Zappia.

Como indicam registros e bibliografia da área, a atividade de produção jornalística sempre foi e é polêmica, mediada por diversos interesses e tensões, que vão da linha editorial, escolha da pauta, apuração, formatação do produto (notícia ou reportagem), consumo, leitura e reação de leitores, além do sentido social de circulação junto a setores da gestão pública, direta ou indiretamente atingidos. É, portanto, previsível que a criação e manutenção de espaço regular de crítica pelo próprio veículo gere os mais variados entendimentos e também questionamentos.

Embora com uma duração breve – cerca de quatro anos e meio –, a iniciativa do *JM* de apostar na abertura de um espaço interativo e analítico da própria produção jornalística cotidiana registra uma experiência importante e ousada na região de alcance editorial e no estado do Paraná.

A manifestação de leitores e moradores da cidade e região, no período de duração da coluna Ombudsman, de acordo com as profissionais responsáveis pela





crítica, confirmam a participação de variados setores sociais, seja com dúvida, questionamento, contestação ou eventuais comentários em torno do que o *JM* indicava como meta e o que efetivamente conseguia levar aos leitores por meio da cobertura jornalística.

A constatação de que das diversas experiências de *ombudsman* apenas dois diários brasileiros (*Folha de S. Paulo* e *O Povo*) mantêm o espaço regular de crítica ainda precisa ser melhor compreendida e explicada, uma vez que a ousadia de criar e manter autocrítica da própria produção é considerado uma referência e indicador de transparência de gestão frente ao leitor e demais atores sociais no mundo contemporâneo. Mas este é outro debate e, pois, oportuno para futuras reflexões, estudos e experiências!

A pertinência e atualidade da presente reflexão, que registra uma rápida história da coluna do Ombudsman no *Jornal da Manhã*, de Ponta Grossa, Paraná, entre 2007 e 2011, integra um retrato ao dossiê três décadas de crítica de mídia no jornalismo brasileiro (da *Revista Brasileira de História da Mídia*), que precisa ser atualizado e repensado em sua disposição para a necessária autocrítica e análise cotidiana da produção jornalística. Sem isso, pode ficar cada vez mais difícil falar em gestão transparente, interesse coletivo e pluralidade editorial.

E, por fim, como destaca a *ex-ombudsman* da *Folha de S. Paulo*, Paula Cesarino Costa (2019, não paginado), “o cargo de ombudsman continua a ser importante na busca por uma imprensa melhor, mas também precisa enfrentar o desafio de se reinventar diante do jornalismo digital e da comunicação direta que as redes proporcionam”.

Afinal, os problemas da complexidade jornalística ao fechar a segunda década do Século XXI não se limitam à garantia de um espaço institucional de crítica de mídia, mas, sem dúvida, já seria um passo importante, ao menos para reconhecer que o jornalismo oscila cotidianamente nos limites humanos de desafios e equívocos profissionais, que podem ser superados. E a crítica pode e deve contribuir nesta empreitada!





Referências

- ABREU, Alzira Alves de. Repórter também é leitor. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 6, n. 20, p. 20-23, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://arquivo.espm.edu.br/revista/jornalismo/2017-jul-dez/25/#zoom=z>. Acesso em: 10 set. 2019.
- BORCEZI, Daniela. **Os vigilantes também são vigiados**: o papel do ombudsman nos jornais brasileiros. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) – Universidade Estadual de Ponta Grossa-UEPG, Ponta Grossa, 2000.
- BRANDIMARTE, Vera. Físgado pelo jornalismo. *In*: MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. Rio de Janeiro: Globo, 2007. p. 6-9.
- COSTA, Paula Cesarino. Livro aborda função de ombudsman em jornais no país. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 out. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/livro-aborda-funcao-de-ombudsman-em-jornais-no-pais.shtml>. Acesso em: 12 out. 2019.
- EAGLETON, Terry; BEAUMONT, Matthew. **A tarefa do crítico**. São Paulo: Unesp, 2010.
- FOUCAULT, Michel. O que é a crítica? [Crítica et Aufklärung]. Tradução de conferência proferida em 27 de maio de 1978 e publicada no **Bulletin de la Société française de philosophie**, v. 82, n. 2, p. 35-63, avr./juin 1990. Disponível em <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/critica.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2018.
- GADINI, Sérgio. Ombudsman avalia um ano de crítica no JM. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 31 ago. 2008.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.
- McCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- MOLINA, Matías M. **Os melhores jornais do mundo**: uma visão da imprensa internacional. Rio de Janeiro: Globo, 2007.
- MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal**: da forma ao sentido. 3. ed. Brasília: Editora UnB, 2012.
- OMBUDSMAN. **Jornal da Manhã**, Ponta Grossa, 02 set. 2007.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **The Spectator, o teatro das luzes**: diálogo e imprensa no século XVIII. São Paulo: Hucitec, 1995.
- SCHUDSON, Michael. Mais e melhor. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, ano 6, n. 20, p. 12-13, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://arquivo.espm.edu.br/revista/jornalismo/2017-jul-dez/15/#zoom=z>. Acesso em:





10 set. 2019.

TEIJEIRO, Carlos Alvarez. **Comunicación, democracia y ciudadanía: fundamentos teóricos del public journalism.** Buenos Aires: La Crujia, 2000.

Submetido em: 27.10.2019

Aprovado em: 26.01.2020

